



Fundado no Sesquicentenário da
Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE
DO SUL

Bicentenário de Sampaio

Ano 2010

Nº 103

COMO FOI MORTO SOLANO LÓPEZ

Gen Rinaldo Pereira da Câmara, segundo o Professor Mozart Monteiro

Na manhã de 1º de março de 1870, estava Solano López, ditador do Paraguai, acampado em Cêrro-Corá, com os últimos restos do seu exército. Eram cerca de quatrocentos homens, combalidos, mal trajados, meio famintos e quase inermes. Estavam todos à vontade, sem sequer suspeitarem que as forças brasileiras andavam perto. Havia mulheres do povo, mas também outras mulheres, dignas de nota: — Mme. Elisa Lynch, irlandesa, amante de López, com quatro filhos, dela e do ditador, todos menores, e mais o Cel Panchito, também filho do marechal e que contava apenas quinze anos de idade; a velha Juana Carrillo de López, mãe do tirano, acompanhada de duas filhas moças — Inocência López e Rafaela López — todas tres, a genitora e as irmãs do déspota, ali prisioneiras, e já, por êle mesmo, isto é, com a sua decisiva cumplicidade, condenadas à morte, em julgamento iníquo. Cêrro-Corá, último reduto paraguaio de toda a longa campanha de cinco anos terríveis, em que a terra e a gente do Paraguai, por culpa do ditador, ficaram aniquiladas, — é uma extensa colina, abraçada pelo Rio Aquidabã e pelo arroio Aquidabanigui, seu tributário, e declina suavemente para êles. Esse recinto — onde só se podia entrar por duas estradas — foi escolhido por López para último reduto na guerra tremenda que estava enfrentando, por ser favorável a uma defesa heróica. Em torno do acampamento, erguiam-se serras e matas.

Naquela manhã, como nas manhãs anteriores, era tudo normal. Nem Solano López, nem ninguém, no arraial do ditador do Paraguai, sabia dos movimentos das forças brasileiras que, sob o comando do Brig. José Antônio Corrêa da Câmara, o procuravam, dia e noite, naquela região; nem ninguém supunha, na Colina de Cêrro-Corá, que fosse aquele dia o último da guerra. Estavam todos descuidados e, do ponto de vista militar — talvez porque López confiasse demasiadamente nas posições que ocupava — não havia vigilância.

Seriam onze horas. O sol, quase a pino, estava abrasador. Ao toque de avançar, ordenado por Câmara, os lanceiros em primeiro lugar, e, depois, os clavineiros e a infantaria invadiram torrencialmente o acampamento. Após imensa surpresa, houve reação — desigual, suicida. A metralha paraguaia passava por cima dos atacantes, sendo, depressa, reduzida ao silêncio. Não morreu, nesse rápido combate, nenhum brasileiro, como, aliás, não morreria nenhum no último dia da guerra.

Os lanceiros inundaram pelos flancos a planície do Aquidabanigui, em cujo centro se encontravam as pequenas forças paraguaias. O Cel. João Nunes da Silva Tavares, também conhecido por Joca Tavares, comandante das forças brasileiras de vanguarda, acompanhado de seu estado-

maior, conduzia os primeiros invasores da planície. A fim de impedir que López, ou outro chefe paraguaio pudesse evadir-se, a estrada de Chiriguelo, por ordem de Câmara, foi ocupada.

No início da luta, Silva Tavares, sentindo falta de cavalaria, voltou a galope para a picada por onde ia o Gen. Câmara. Este, ao vê-lo, perguntou: "Que quer?"; Tavares respondeu: "Cavalaria à frente". O Gen. Câmara ordenou o respectivo toque, e Tavares dirigiu-se ao campo onde se feria a peleja. Depois, já acompanhado do Maj. Joaquim Nunes Garcia, do Cap. Antônio Cândido de Azambuja e de alguns praças, deparou o Cel. Tavares uma pequena coluna, à cuja testa se achava Solano López. Como notasse que o ditador e seus companheiros vacilavam, resolveu carregar sobre ele, a fim de impedir que o marechal paraguaio, quando fosse atacado pelos atiradores e pela infantaria, fugisse para o mato.

Com os citados oficiais do seu estado-maior, com outros que então chegaram e com alguns praças, arremeteu o Cel. Tavares contra o grupo do ditador, tomando-lhe a frente, embargando-lhe o passo; pois López, com efeito, procurava correr para o mato próximo. Nesse pequeno recontro, foram feridos levemente, à arma branca, o Maj. Joaquim Nunes Garcia e o Cap. João Pedro Nunes, ajudante de ordens de Tavares. Os paraguaios já estavam em desordem. Enquanto uns eram mortos e outros aprisionados, os restantes procuravam fugir. Alguns ginetes, provavelmente seis, tendo à frente o Cabo José Francisco Lacerda, vulgo Chico-Diabo, ordenança do Cel. Silva Tavares, conseguiram cercar Solano López, que fugia a cavalo, acompanhado do Cap. Francisco Arguello e do Alferes Chamorro, ambos paraguaios. Os brasileiros intimaram López a render-se. Chico-Diabo e um soldado aproximaram-se do ditador, para prendê-lo. López, com a espada desembainhada, tentou ferir o Chico-Diabo; mas este, desviando-se, desfechou-lhe um golpe de lança, que o atingiu em cheio no hipogastro esquerdo, produzindo ferimento com uma e meia polegada de extensão, dirigido obliquamente, de baixo para cima, e interessando a pele, o peritônio, os intestinos e a bexiga.

O Cap. João Pedro Nunes, ajudante de campo do Cel. Tavares, feriu também o ditador, à arma branca: ferimento na região frontal, com três polegadas de extensão, interessando a pele e o tecido celular. Quando o ditador recebeu esse golpe na cabeça, caiu-lhe ao chão o chapéu. López ferido, e acompanhado do coronel paraguaio Silvestre Aveiro, conseguiu galopar em direção ao mato próximo, onde existia uma picada, aberta, havia tempos, por sua ordem, e por onde costumava ir ao arroio, para pescar. Ao chegar à boca da picada, deixou o cavalo baio que montava, despiu a blusa, atirou-a ao chão, e entrou a pé, no mato, procurando atingir o Aquidabanigui, regato tributário do Aquidabã, e que deslizava bem perto. Os perseguidores de López, detidos por um pântano, não puderam alcançar o marechal.

Aveiro, fatigado e faminto, carregava uma espada afiada; mas era tal a sua fraqueza, que não teve alento para cortar os galhos que embaraçavam o caminho; e, com o próprio corpo, aos arranques, foi vaiando o mato. Pouco adiante caiu; e, em seguida, também tombava López. Pouco depois, Aveiro levantou-se; e López, vendo-o de pé, estendeu-lhe a mão pedindo-lhe que o erguesse. Aveiro ensaiou fazê-lo, mas não teve forças bastantes. A esse tempo chegava o major paraguaio Manuel Cabrera. Aveiro e Cabrera, pegando López, procuraram fazê-lo andar, mas o não conseguiram. Logo após, chegou o alferes paraguaio Ignácio Ibarra. Os três, juntos, conseguiram, afinal, levar López através do mato e, depois, por dentro do arroio, até a barranca oposta, isto é, a da margem esquerda.

López estava incapaz de manter-se de pé. Quando chegaram à referida barranca do Aquidabanigui, Cabrera ofereceu-se a Aveiro para ir buscar gente paraguaia, que dizia haver perto. Foi, e não voltou. Desejando subir o barranco, onde se encontrava, e não podendo fazê-lo, disse López a Aveiro e Ibarra: "Vejam se não há uma parte mais baixa". Os dois saíram para atendê-lo, e López ficou agarrado a uma palmeira derribada, que atravessava um ângulo do ribeiro. Entrementes, chegava à sua presença o alferes paraguaio Victoriano Silva, que se ofereceu para acompanhá-lo. López, porém, recusou o oferecimento, e despediu o oficial, dando-lhe todavia como lembrança, como se ali mesmo esperasse a morte, o rebenque que tinha na mão. López, de novo, ficou só. Estava o ditador, assim

sozinho, gravemente ferido, quase de joelhos, com os pés dentro d'água, impossibilitado de andar quando, seguido de dois soldados, chegou à sua presença, pela margem direita do regato, o Gen. Corrêa da Câmara, comandante das Forças Expedicionárias do Brasil. Momentos antes, o Gen. Câmara, avisado pelo Maj. José Simeão de Oliveira, seu secretário, de que López entrara no mato, havia deixado o cavalo que montava, e, acompanhado de dois praças, atravessara o mato, no encalço do ditador. À pequena distância, de um lado para o outro do regato, Câmara, por duas vezes, intimou o déspota paraguaio a que se rendesse. Disse-lhe que entregasse a espada; que ele, como comandante das forças brasileiras, lhe garantiria a vida. López não se entregou. Empunhando a espada, esboçou um gesto agressivo, e respondeu, já com dificuldade: "Morro por minha pátria, com a espada na mão". Câmara ordenou: "Desarmem esse homem!". Um soldado do 9º de infantaria, comandado pelo Maj. Floriano Peixoto (que aliás não estava presente), avançou para López e o pegou pelos pulsos, para tomar-lhe a espada. (López não conduzia, no momento, arma de fogo.) Lutando com o soldado que queria desarmá-lo, caiu López duas vezes dentro do arroio, mergulhando a cabeça, mas conseguindo levantá-la acima d'água. Inopinadamente, rápido como um tigre, um soldado de cavalaria (provavelmente chamado João Soares), avançou para López e desfechou-lhe, a queima-roupa, na região dorsal, um tiro de fuzil, que o matou, no mesmo instante. A bala ficou alojada na caixa torácica. Da boca e do nariz do tirano jorrava muito sangue: os pés continuaram dentro d'água, enquanto o corpo ficava estendido, à margem do arroio.

O monstro — cujo perfil não cabe ser aqui traçado, mas que é de um dos tiranos mais criminosos da História da América; tirano que pereceu quando sua mãe e irmãs, ali, bem perto dele, estavam, por ele mesmo, condenadas à morte — o monstro, que passou pelo mundo com o nome de Francisco Solano López, ainda que não recebesse o tiro de fuzil que lhe pôs termo à vida, morreria fatalmente, naquele mesmo dia ou alguns dias depois, em consequência do lançamento que, momentos antes, lhe vibrara em peleja, e em campo raso, José Francisco Lacerda, o Chico-Diabo.

Não há, nos documentos examinados neste estudo, nenhuma prova de que o Gen. Câmara, depois Visconde de Pelotas, tivesse contribuído voluntariamente, para que, na sua presença, fosse apressada a morte, que já era certa e muito próxima, do ditador do Paraguai.

Naquela planície tranquila, transformada de repente em teatro de grande tragédia; naquele campo de Cêrro-Corá, nas picadas, nos passos dos rios, no mato, no arroio, juncados de cadáveres; naquela arena, onde o último embate entre brasileiros e paraguaios degenerou desde logo em desordem, indisciplina e matança feroz, na qual o ódio ao implacável inimigo de cinco anos atingiu o auge, desvairadamente; naquele derradeiro reduto da resistência paraguaia, onde se via, ainda lutando, o próprio tirano, inutilmente intimado a render-se; naquela fumaça, onde López, coberto de sangue, espada em punho, parecia uma fera acuada por caçadores; naquele momento em que, depois de cinco longos anos de guerra inexorável, um punhado de brasileiros tinha a seu alcance e ao seu arbítrio um déspota feroz, o maior dos inimigos do Brasil, — naquele lugar, naquele instante e em todas aquelas circunstâncias, nada provou, até hoje, que Câmara pudesse ter evitado o tiro desnecessário que, inopinadamente desferido por um soldado, cujo gesto louco foi apenas uma fatalidade, pôs termo à vida de Solano López.

Restabeleceu-se, à luz da ciência, a verdade histórica; e o nome do Exército Brasileiro na solução deste problema da História Americana, fica impoluto.

FONTE: CÂMARA, Rinaldo Pereira da. **O Marechal Câmara-sua vida militar**. Porto Alegre: Globo, 1970, vol. II., p. 453/547.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel (lecaminha@gmail.com)
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara/Porto Alegre, RS